

QUINTO PAINEL — RELATÓRIOS DE ANDAMENTO DE PESQUISAS COM BASE NA TEORIA DA DELIMITAÇÃO

- Escola de Administração de Empresa de São Paulo (EAESP)
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- University of Southern California (USC)

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Vamos dar início à quinta e última de nossas sessões do simpósio dedicado a Guerreiro Ramos e à análise de sua obra.

Irei chamar os componentes da mesa. Da universidade do Sul da Califórnia, o Prof. Henry Reining Jr. e o Prof. David Mars; da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, o Prof. Ramon Garcia; a Dr.^a Nerine Mirian Leinemann, da Finep; da Fundação Instituto Técnico de Economia e Planejamento do Estado de Santa Catarina, Antonio Carlos Kieling; Eliana Guerreiro Ramos do Nascimento; a Técnica em Administração Mary Deiró Cardoso e o Prof. Ubiratan Rezende, Diretor Exectivo da Funcep.

Como é do conhecimento de todos, o tema principal de nossa reunião de hoje é a apresentação de relatórios sobre o andamento de pesquisas que são experimentos de operacionalização da teoria da delimitação dos sistemas sociais. Os discípulos e os seguidores, de um modo geral, de Guerreiro Ramos, vão prestar a ele, a meu ver, o maior tributo possível, tentando operacionalizar — aliás, já procurando operacionalizar e mostrando dados concretos — algo que muitos consideram que não pode ser operacionalizado. Isto vai ser, acredito, o coroamento da sua última obra: aquilo cuja fundamentação doutrinária, cuja criação, foi feita ao nível teórico, vai-se concretizar a nível prático. Deveremos, também, ouvir algumas referências sobre atividades semelhantes que estão sendo desenvolvidas na Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia e que serão relatadas brevemente, primeiro pelo Prof. Henry Reining Jr. e depois pelo Prof. David Mars.

Henry, would you please? You, as a foreigner, come first. It is a question of courtesy.

Prof. Henry Reining — *Thank you, Beatriz. I would prefer to talk later.*

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Bem, neste caso, chamarei Ramon Garcia, de São Paulo, que tem um avião a tomar. Ele deveria ser um dos últimos porque se presumia que chegasse um pouco atrasado mas, como bom paulista, chegou antes dos cariocas.

Prof. Ramon M. Garcia — Em primeiro lugar, eu tenho a dizer que sou carioca, embora radicado em São Paulo.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Sim, mas tem hábitos de paulista. Eu falo em termos de sociologia ambiental. Você foi contaminado, neste ponto, pelos valores paulistas.

Prof. Ramon M. Garcia — Bem, este é outro ponto que teremos de abordar hoje aqui, forçosamente.

Eu gostaria de dizer o seguinte: trago aqui o relato de um projeto de pesquisa que estou desenvolvendo mas que, por imperativos de saúde, não pôde ainda ser concluído. Pretendo retomá-lo em futuro próximo.

Os autores J.L. Austin, em seu livro *How to do things with words*¹ e J.R. Searle, em seu livro, *Speech - act*² dizem que o ato do discurso pode ser decomposto em três momentos articulados, ou em três níveis, organizados segundo uma hierarquia: a) o nível do ato locucionário ou proposicional, o ato de dizer; b) o nível do ato ou da força ilocucionária, aquilo que fazemos ao dizer; c) e o nível do ato perlocucionário, aquilo que fazemos pelo fato de falar. Assim, por exemplo, se eu falar “feche a porta”, tal comunicado tem um momento de compreensão imediata, que constitui o seu nível proposicional; mas isto pode, também, ser dito com maior ou menor rispidez, com maior ou menor ênfase, que constitui a sua força ilocucionária. E, também, eu poderia ao dizer “feche a porta”, causar ao meu interlocutor manifestações de simpatia, de raiva, de aversão ou qualquer outro tipo de atitude ou sentimento. Isto constituiria, portanto, o nível perlocucionário daquilo que foi dito.

Nesta perspectiva, pretendo estudar a visão estratégica de dirigentes de cooperativas, através da análise de seus discursos, o que significa estabelecer um processo de comunicação que não se restringe apenas aos atos proposicionais ou locucionários, mas procura captar, também, qual é a força ilocucionária e qual é a força perlocucionária do discurso desses dirigentes. Faz-se necessário, portanto, “entender por *significação do ato do discurso* ou por *noema do dizer* não somente o correlato da frase no seu sentido estrito, de ato proposicional, mas, também, o da força ilocucionária e, mesmo, o da força perlocucionária”.³

Nesta oportunidade, cumpre ressaltar os seguintes aspectos:

A. O que estamos chamando de visão estratégica dos dirigentes de cooperativas seria uma construção mental, parcial e diferenciada, acerca dos problemas que dizem respeito à existência concreta dessas instituições, em conexão com uma visão de mundo mais global, a qual expressaria maneiras particulares de ver e de sentir um universo real próprio. Ou, em outras palavras, a visão estratégica constitui um *núcleo* mais reduzido de temas (sobre determinados

¹ Austin, J. L. *How to do things with words*. New York, Oxford University Press, 1965.

² Searle, J. R. *Speech — act*. Cambridge, 1969.

³ Ricoeur, Paul. *Interpretação e ideologias*. Francisco Alves, 1977. p. 49.

problemas administrativos da cooperativa), de uma visão de mundo mais amplo que contém idéias e concepções generalizadas acerca do homem e do seu mundo; esperanças e dúvidas; valores, que, em última análise, constituem verdadeiros desafios à superação de pré-conceitos e pré-compreensões e, também, à explicitação de interesses cognitivos implícitos.

B. De uma maneira bem simplificada, poderíamos dizer que a visão estratégica é uma expressão da própria prática dos dirigentes na condução dos negócios da cooperativa. Como procuramos desenvolver em nosso projeto de pesquisa, o conhecimento (implícito ou explícito) desta prática não se dá direta e imediatamente. Ele é mediatizado por interesses cognitivos (Habermas) ou por pré-noções (Gadamer). Se montarmos uma matriz onde a prática pode manifestar-se de duas maneiras, ou seja, como práxis (renovação) e pragma (conservação) e a cognição, também de duas maneiras, isto é, como teoria e ideologia, poderíamos, deste modo, ter várias combinações das quais destacamos as seguintes: teoria-práxis; ideologia-práxis; teoria-pragma; ideologia-pragma.⁴ À combinação teoria-práxis, chamaríamos de estratégia de auto-determinação; à combinação ideologia-práxis, chamaríamos de estratégia voluntarista; à teoria-pragma, estratégia oportunística; à ideologia-pragma, estratégia dissimuladora. Note-se que estas quatro estratégias poderiam ser divididas em apenas dois grandes grupos: estratégia economicista (teoria-pragma; ideologia-pragma) e estratégia cooperativista (teoria-práxis; ideologia-práxis). Nossa pesquisa procurará estabelecer, através da verbalização de temas, qual a ênfase relativa de cada curso estratégico, levando-se em consideração, no entanto, que as cooperativas têm um nítido compromisso, legal e valorativo, com princípios doutrinários bem determinados.

C. Daí necessitarmos de um método de pesquisa, dotado de atributos especiais e capaz de captar o universo temático dos dirigentes de cooperativas. Esse método foi desenvolvido, tendo em mente os seguintes aspectos:

1. ser ativo, dialógico, crítico e criticizador;
2. ter a flexibilidade necessária para captar e acompanhar as modificações de significados provocadas pelo diálogo;
3. utilizar corretamente os procedimentos de *redução* e *codificação*.⁵

D. Por este motivo desenvolvemos, com base em Guerreiro Ramos e Paulo Freire, um método de pesquisa com as seguintes características:

1. baseia-se na participação e na íntima troca de idéias entre o pesquisador e o grupo pesquisado;
2. através do diálogo surgem observações, análises e conclusões que não pertencem apenas ao pesquisador, mas sim ao grupo que, efetivamente, está envolvido no ato de investigação;
3. propicia um meio de crescimento comum (pesquisador e participantes) acerca dos problemas de estratégia administrativa em cooperativas.

⁴ Rouanet, Sérgio Paulo. *Os campos prático-noéticos: notas introdutórias*. Tempo Brasileira, 4(11/12):77-111, ago./out. 1966.

⁵ Freire, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. p. 107.

Repetindo, portanto, a análise que vou empreender baseia-se em um ponto de convergência entre as bases teóricas estabelecidas por Guerreiro Ramos em *A redução sociológica* e o método psicossocial desenvolvido por Paulo Freire. Ali, onde existir uma interseção entre as duas posições, é que eu caminho com o meu método. Sei que isto está parecendo algo inusitado. E, ontem mesmo, de manhã, uma pessoa que não me conhecia e não conhecia o meu trabalho, acusou-me de haver realizado uma mistura indevida. Em realidade, é quase uma regra geral dizer-se que a mistura é sempre do outro, nunca nossa.

Tal incidente obrigou-me a realizar um resgate teórico que não constava de meus planos originais, ou seja, ter de demonstrar que os elementos essenciais da redução sociológica de Guerreiro Ramos e os componentes fundamentais do processo de conscientização de Paulo Freire têm grande afinidade. E, ao fazê-lo, procurarei evitar o emprego de *slogans* ou qualquer apelo a rótulos estereotipados como nacional-socialismo ou outras coisas mais. Procurarei fazer uma modesta análise do conteúdo dos principais componentes de *A redução sociológica* e da noção de conscientização, que o próprio Paulo Freire atribui a Guerreiro e a Alvaro Vieira Pinto, como sendo os autores que fizeram dela uma utilização pioneira. Se os senhores lerem os livros de Paulo Freire *Conscientização* e *El mensaje*, verão que o autor, explicitamente, refere-se ao legado que recebe de Guerreiro.⁶ Também na *Educação como prática de liberdade*, várias vezes ele faz referências a Guerreiro Ramos.⁷

Bem, comecemos então por comentar os elementos centrais de *A redução sociológica*, isto porque *A redução sociológica* é o embasamento teórico do método de pesquisa que estou desenvolvendo. Segundo Guerreiro Ramos, “a redução sociológica é uma atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social. A redução sociológica, porém, é ditada não somente pelo imperativo de conhecer mas, também, pela necessidade social de uma comunidade que, na realização de seu projeto de existência histórica, tem de servir-se da experiência de outras comunidades”. O processo de redução sociológica, no meu entender, tem as seguintes características básicas:

1. É uma atitude metódica, isto é, pretende ser exatamente contrária à atitude ingênua, ao invés de meramente refletir o significado visível dos fenômenos externos; a redução sociológica busca sua complexidade, sua intimidade, ou seja, sua estrutura latente; é a “razão sociológica, isto é, uma referência básica, a partir da qual tudo que acontece em determinado momento, em uma sociedade, adquire o seu exato sentido”. É a razão histórica expurgada de seus “fundamentos vitalistas primitivos, compreendida num sentido estruturador, dinâmico e até mesmo dialético”.⁸

2. Não admite a existência de uma realidade social sem significado, isto é, a realidade social não é um conjunto desconexo de fatos. Os seres humanos distinguem-se dos outros seres por sua capacidade de emitir julgamentos de valor e articular significados. Portanto, todo fato da realidade social faz parte,

⁶ Ver as seguintes obras de Paulo Freire: *El mensaje*, textos selecionados por El Inodep, Madrid, Editorial e *Conscientização*, São Paulo, Cortez e Moraes, 1979. p. 25.

⁷ Freire, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. op. cit.

⁸ Nunes, Benedito. Considerações sobre a redução sociológica. In: Guerreiro Ramos, Alvaro. *Redução sociológica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965. p. 200-10, apêndice II.

necessariamente, de conexões de sentido. Os fatos referem-se uns aos outros por vínculos de significação. Ora, é precisamente essa característica que nos coloca em confronto com a visão positivista, que promove uma ruptura entre o sujeito e o objeto. Em sua fundamentação epistemológica, esta forma de objetivismo induz a acreditar que o sujeito comporta-se como observador isento e acolhedor dos fatos da realidade, numa espécie de atitude de convite ingênuo a ser penetrado por aquilo que a realidade nos estaria comunicando. Todos nós estaríamos comunicando. Todos nós sabemos que o pesquisador, ao ir ao campo, traz consigo um esquema de referências, um sistema de significados, uma série de pré-noções, um conjunto de interesses cognitivos que, em última análise, interferem com o tipo de teoria que vamos escolher para tentar explicitar os fatos que estamos observando.

3. Engloba a noção de homem do mundo, isto é, a característica essencial dessa noção é a aceitação de que a consciência do homem e o mundo exterior estão reciprocamente relacionados, em uma complexa e infinita teia de referências. Quer dizer, não se privilegia o subjetivo, isto é, não caímos num subjetivismo e não se privilegia o objetivo, e nem caímos no objetivismo. A noção de homem no mundo, se bem que inspirada em Heidegger, não se limita às formulações originais deste autor. É preciso notar que esta observação não carrega qualquer desejo de rotulagem; não estou dizendo que Guerreiro Ramos era um fenomenologista. Estou dizendo que ele fez um bom uso da noção de homem no mundo, porque o homem está na realidade, sim, mas não está em toda a realidade; está apenas em uma parte desta realidade.

4. Contém as noções de perspectiva e valor de posição, tal como a noção de campo prático, de Ortega y Gasset (e vimos, ontem, Helio Jaguaribe manifestar a influência que seus companheiros receberam de Ortega). E receberam de Ortega, aquilo que Ortega tinha de bom a dar, que é a noção de campo prático, particularmente, a noção de significação, que se dá dentro de um campo, e os achados da teoria gestaltista, o processo de redução sociológica, sustenta (sem se limitar a isto) que o sentido de um objeto estranho está sempre ligado a um contexto determinado. Assim, a perspectiva sob a qual os objetos são observados, integra parcialmente os próprios objetos (face àquela íntima relação entre o subjetivo e o objetivo). Ou seja, o homem e seus objetos estão colocados numa complexa e dinâmica rede de relações objetivas e subjetivas. Eles têm um valor de posição. Portanto, se os deslocamos para uma outra perspectiva ou se mudamos seu valor de posição (isto é, suas principais referências em relação a um todo) aqueles deixam de ser o que eram.

5. As bases da *redução sociológica* são estabelecidas socialmente, ao invés de serem individualistas, isto é, o sociólogo chega à redução sociológica quando internaliza, crítica e ativamente, a lógica intrínseca que é inerente a cada sociedade.

6. É um procedimento crítico assimilativo da experiência estrangeira, isto é, a *redução sociológica* não implica em isolacionismo, nem exaltação romântica das condições locais, regionais ou nacionais. É, ao contrário, dirigida por uma expectativa totalizante e universal — o *processo civilizatório universal* — que já existe nos contextos locais, ou regionais ou nacionais, enquanto possibilidades latentes ou de esperança. Ou seja, o processo de totalização, a maior referência, o todo maior é a comunidade humana universal. Somente tendo essa referência maior, pode uma nação estabelecer o seu valor de posição, sua própria perspectiva, ou assumir integralmente — em termos históricos e sociais

— suas particularidades existenciais. Somente sabendo que sou um homem, posso dizer que sou um homem brasileiro.

7. Afirma que, embora suas bases existenciais sejam situações vivenciais, sua maneira de conhecer o mundo é um processo altamente elaborado, isto é, corresponde a uma visão complexa, pluridimensional e integrada do mundo, onde os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e principalmente históricos são vistos como parte do mesmo todo. Daí se tornar ridículo tentarmos estabelecer rótulos de uma determinada corrente, ou mesmo ênfase em determinada disciplina, ou mesmo escolas dentro de uma mesma disciplina.

Em função disso, Guerreiro estabelece uma série de *leis* que eu vou aqui apenas citar, a saber: *lei* do comprometimento, *lei* do caráter subsidiário da produção científica; *lei* da universalidade dos enunciados gerais da ciência, *lei* das fases, etc.

Dito isso, gostaria de voltar a atenção para aquilo que parece ser central nessa convergência que estou tentando estabelecer entre Guerreiro Ramos e Paulo Freire e isso sem demérito de um ou de outro, sem preponderância de um ou de outro, apenas indicar como os trabalhos desses autores se completam, pois têm, na minha opinião, a mesma base epistemológica. E é isso que vou tentar demonstrar em seguida.

Segundo Guerreiro, “a consciência crítica surge quando um ser humano ou um grupo social reflete sobre tais determinantes e se conduz diante deles como sujeito. Distingue-se da consciência ingênua que é puro objeto de determinações exteriores. Comparada à consciência ingênua, a consciência crítica é um modo radicalmente distinto de apreender os fatos, do qual resulta não apenas uma conduta humana desperta e vigilante, mas também uma atitude de domínio de si mesmo e do exterior. Sem consciência crítica, o ser humano ou grupo é coisa, é matéria bruta do acontecer. A consciência crítica instaura a aptidão autodeterminativa que distingue a pessoa da coisa”.⁹

Em síntese, a redução sociológica caracteriza o processo inteligente que exprime o trânsito de uma consciência ingênua para uma consciência crítica e, também, designa o procedimento metódico que procura tornar sistemática a assimilação crítica. Este me parece o caminho básico que foi trilhado por Paulo Freire, ou seja, se, em síntese, a redução sociológica caracteriza o processo inteligente que exprime o trânsito de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, estaria aí, a meu ver, a melhor definição possível para os processos de conscientização.

Mas o que nos interessa, no momento, é apresentar a redução na sua perspectiva metódica, e como nós vamos utilizá-la em nosso método de pesquisa. Assinalaríamos as seguinte características:

1. A redução é um método de assimilação crítica da produção científica e tecnológica estrangeira. Já dissemos isso. Essa dimensão estaria voltada para a manutenção da cultura brasileira, ou melhor, de sua forma.

2. A redução é uma atitude parentética, ou seja, pode ser entendida como enriquecimento cultural do indivíduo, que lhe permite desenvolver uma consciência crítica dos valores, dos pré-conceitos, das pré-compreensões, dos inte-

⁹ Guerreiro Ramos, Alberto. *A Redução sociológica*. op. cit. p. 61.

resses cognitivos (ou, em uma única noção: das premissas de valor implícitas) da cotidianidade. Aqui o qualificativo parentético é derivado (sem se limitar a isto) da noção husserliana de suspensão ou parêntese. Neste sentido, esse parêntese, o que é? Esse parêntese é uma tentativa que faz o observador se destacar do seu contexto, da sua situação existencial e vivencial, e contemplá-lo como um objeto, de admirá-lo. Mas esse distanciamento não pode ser total, porque o sujeito que conhece não é o sujeito puro de Husserl, é o sujeito situado e datado. Está aí a grande diferença do uso que Guerreiro faz do termo parentético para o uso que faz dele Husserl, em seu sentido original. Há um distanciamento, sim; eu me distancio da realidade, mas eu volto a essa mesma realidade. E essa realidade, da qual eu me estou distanciando, não é qualquer realidade, é algo que me pertence, algo com o qual estou envolvido. Essa relação dialética entre distanciamento constitui a base do nosso método. Assim, por exemplo, se projetarmos uma situação existencial qualquer para um grupo de estudo, seja, em nosso caso, os dirigentes de uma cooperativa, eu estou propiciando aí um distanciamento desses senhores de sua realidade. Eles estarão contemplando, estarão admirando essa realidade. Mas, ao mesmo tempo, essa realidade que está sendo projetada, não é qualquer realidade; é algo que pertence a eles, é uma situação existencial da cooperativa deles. E é esse distanciamento, ou melhor, essa dialética do distanciamento e do envolvimento que vai conduzir àquilo que eu estou chamando de atitude parentética correta, que, como disse, é fundamental para a perspectiva do método que estamos utilizando.

3. Outra característica, que foi chamada aqui, ontem, de planetária, e que, a meu ver, corresponderia à última fase de Guerreiro, é a redução como superação das ciências sociais do caráter formal, serialista e científico em que elas se encontram, através da recuperação dos conteúdos substantivos da vida humana associada. Essa dimensão diz respeito aos elementos permanentes de um processo de mudanças que corresponde, portanto, à substância, àquilo que perdura num processo de mudanças. Permitiria distinguir entre as diversas formas sociais e temporais a substância autenticamente humana.

Bem, é a partir dessas considerações metódicas que são estabelecidos os critérios redutores. Ou melhor, como deveria ajustar-se o método em função destes mesmos critérios.

Gostaria de mencionar dois critérios redutores:

1. O método deve fazer uso adequado dos recursos locais, humanos e/ou materiais.

Se, por um lado, isso estaria a exigir um tipo de conhecimento adequado às condições locais, por outro isso não significa que o pesquisador deva buscar no baixo nível dos recursos materiais ou humanos existentes, ou mesmo, numa crônica escassez de recursos financeiros, a desculpa que serve para encobrir a falta de rigor metódico ou analítico-reflexivo.

2. O método deve ter uma atitude parentética correta o que, se por um lado contém um elemento de objetivação face ao distanciamento alienante (eu estou vendo a realidade lá, e ela está longe de mim e neste momento, estou fazendo a cisão sujeito-objeto, o que possibilita colocar entre parêntese as próprias pré-compreensões), tem também, por outro, um componente de envolvimento

nas condições reais das pessoas, obtido através do entendimento dialógico efetivo. Lembraria, apenas, a importância da interação simbólica como elemento fundamental da “ação comunicativa” em Habermas. É justamente essa relação dialética entre o distanciamento e a compreensão que permitiria a superação do seguinte dilema; “ou praticamos a atitude metodológica, mas perdemos a densidade ontológica da realidade estudada, ou então praticamos a atitude de verdade e somos forçados a renunciar à objetividade das ciências humanas”.¹⁰

Creio que não seria demais repetir que, face aos critérios redutores adotados, precisávamos de um método distinto. Um método que fosse dotado das seguintes e já mencionadas características: a) ativo, dialógico, crítico e a criticizador; b) ter a flexibilidade necessária para captar e acompanhar as modificações dos significados provocados pelo diálogo (uma vez que eu estou tentando explicitar a visão estratégica dos dirigentes de cooperativas através do diálogo); c) utilizar corretamente procedimentos de redução e de simbolização.

Esse método, repetimos uma vez mais: a) baseia-se na participação e na íntima troca de idéias entre pesquisador e grupo pesquisado. Não há a cisão sujeito-objeto. Não vou entrar nesse grupo com a perspectiva de que sou um pesquisador e eles são objeto de pesquisa. Ao contrário, nós somos pessoas que temos um problema em comum e juntos teremos que resolvê-lo, ou seja, vislumbrar qual a visão estratégica que temos da cooperativa hoje e qual poderia ser uma melhor visão com respeito a problemas futuros; b) através do diálogo surgem observações, análises, conclusões que não pertencem apenas ao pesquisador, mas sim ao grupo que efetivamente está envolvido no ato de investigação. Quer dizer, o resultado da pesquisa não é meu, é daquele grupo inicial de cinco ou seis pessoas que participaram da decodificação da sua própria realidade. Temos um problema em comum e precisamos, através do diálogo, comunicar essa realidade que sentimos de maneira diferente, sim, mas que poderá ser comunicada através das coisas que temos em comum; c) esse método também propicia um meio de crescimento comum ao pesquisador e aos participantes, acerca dos problemas de estratégia administrativa em cooperativas. Não vou chegar lá, despejar para eles todo o conhecimento que possa ter sobre estratégia de organizações e eles, por sua vez, não vão ficar inibidos, sem explicitar qual a visão própria do seu grupo. A cooperativa nasceu do sonho de 40 pessoas e hoje existem 18 mil membros. Movimenta um capital mensal de Cr\$ 120 milhões. Consegue vender os produtos alimentícios cerca de 30% mais barato do que qualquer ponto de venda. Certos produtos, como os do vestuário, podem chegar até 60%, 70% mais baratos. Portanto “eles sabem das coisas” e eu não estou lá para ensiná-los, eu estou lá para participar com eles de um processo de explicitação que vai ser feito a partir do diálogo.

Ora, quando examinamos os elementos deste processo que, portanto, é um processo de conscientização conjunta, percebemos que conscientização, como é definida por Paulo Freire, é “o desenvolvimento crítico da tomada de consciência. Conscientização comporta, pois, em ir além da fase espontânea da

¹⁰ Ricoeur, Paul. op. cit. p. 43.

apreensão até chegar à fase crítica na qual a realidade se torna um objeto cognoscível e se assume uma posição epistemológica procurando conhecer.”¹¹

Ora, se a conscientização exprime o movimento de passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, esta, na sua fundamentação epistemológica, é idêntica à redução proposta por Guerreiro pois, como vimos, a redução compreende procedimentos metódicos que procuram tornar sistemática a assimilação crítica.

Como conscientização tem mais força ilocucionária e perlocucionária, vamos preferir essa idéia à noção de redução, já que ninguém é obrigado a estar familiarizado com as múltiplas conotações que esta noção tem na fenomenologia. Quando entrei em contato, pela primeira vez, com a idéia de redução, esta me passou uma imagem que era justamente o oposto do seu conteúdo. Redução era, para mim, alguma coisa que limitava, era alguma coisa que restringia, era alguma coisa que estava associada à idéia de reducionismo, que muito cedo aprendi a combater nos cursos introdutórios de metodologia científica. Por isso, pela força ilocucionária e perlocucionária que a expressão conscientização tem sobre redução, eu vou dar preferência à primeira, ao invés da segunda.

Dentro dessa perspectiva, caberia, portanto, a seguinte pergunta: quais seriam as dimensões da conscientização?

Uma breve análise de conteúdo de algumas obras¹² de Paulo Freire e de suas idéias, nos revelou a existência de pelo menos três dimensões básicas:

1. explicita uma compreensão dos seres humanos e do mundo; o homem situado (cultura) e datado (história); e a humanidade (condição ontológica);
2. é um ato de conhecimento e reconhecimento que se opõe, portanto, à opinião fácil (*doxa*), à manipulação e à mistificação;
3. é comprometida com o projeto ético de emancipação humana, com o processo de hominização permanente, em virtude do caráter incompleto dos homens.

A nosso ver, essas seriam as três dimensões do processo de conscientização e, como tivemos a oportunidade de comentar, seriam, também, muito semelhantes às três dimensões básicas daquilo que Guerreiro chamou de redução sociológica.

¹¹ Jorge, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979. p. 68. Simões Jorge, que fez um glossário dos conceitos mais importantes de Paulo Freire, usa a definição de conscientização que aparece em *Conscientizzazione*. Roma, Humanitas, apr. 1975. p. 20.

¹² A leitura das seguintes obras de Paulo Freire e de outros autores estaria a indicar que a presente síntese apresenta um grau bem acentuado de correção. Vr: Freire, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. op. cit.; *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; *Conscientização*. op. cit.; *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978; *Educação e mudanças*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; *Cartas a Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978; *El mensaje de Paulo Freire*, textos selecionados por El Inodep, Madrid Editorial Marsiega; *Uma educação para a liberdade*, textos marginais, Porto, 1974; De outros autores: Jorge, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. op. cit.; *Educação crítica e seu método*. São Paulo, Loyola, 1981; *Sem ódio e sem violência*. São Paulo, 1979; De Torres, Carlos Alberto. *A práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979; *Diálogo com Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979; *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1981.

Assim, espero ter demonstrado a convergência que existe entre os dois autores. Ao fazê-lo adotamos o seguinte procedimento: evitamos deliberadamente o uso de *slogans*, procurando mostrar, através da análise de conteúdo das obras, tanto de um autor quanto de outro, quais as dimensões básicas de suas respectivas contribuições. A maneira como realizamos essa aproximação deixamos com a consciência tranqüila de que a convergência realizada não é um ato de arbitrariedade e, muito menos ainda, uma mistura indevida.

Isto posto, torna-se necessário voltarmos nossa atenção para as fases e etapas fundamentais do método que estamos utilizando. Em linhas gerais nosso método tem as seguintes características:

a) divide-se em fases fundamentais que, por sua vez, se dividem em etapas sucessivas que podem renovar-se quantas vezes se fizer necessário. A primeira fase é predominantemente *investigadora* e é realizada pelo grupo de investigação (o pesquisador e cinco dirigentes). A segunda fase é predominantemente *preparatória*: define-se e se prepara um núcleo de áreas preferenciais para a intervenção. A terceira fase é, predominantemente *pedagógica*. Nessa fase, o núcleo de áreas preferenciais já esquematizado, ampliado e codificado, é devolvido aos participantes.

Em resumo, o método divide-se em três momentos de um único e articulado movimento: no primeiro momento o interesse é a *investigação*; no segundo, a *preparação da intervenção pedagógica* e, no terceiro, a *intervenção pedagógica* propriamente dita.

b) o projeto de pesquisa em curso diz respeito apenas à *fase de investigação temática*. Essa fase apresenta três etapas distintas, a saber:¹³

1. Simbolização existencial. Consiste na descoberta e simbolização das primeiras “situações existenciais estratégicas”. A simbolização é entendida como a representação material (sob qualquer forma — *slides*, cartazes, etc.) de cada uma destas situações existenciais.

2. Dessimbolização existencial. As “simbolizações existenciais básicas”, que representam as “situações existenciais estratégicas”, são projetadas em uma tela diante do “grupo básico de investigação” (o pesquisador e dirigentes). A dessimbolização será realizada pelo grupo através da manifestação oral daquilo que é visto. Isto implica na descrição, na eventual crítica e na apreensão estruturada da situação.

3. Avaliação do material obtido. Realiza-se com o “grupo básico de investigação” uma discussão preliminar acerca do material obtido. Busca-se, nesse momento, retificar qualquer interpretação errônea, bem como saber da necessidade ou não de novas informações. Nessa etapa discute-se, também, com o grupo, os problemas éticos acerca das informações obtidas. Decide-se o que deve ser de domínio público e o que pertence existencialmente ao grupo.

¹³ A descrição das presentes etapas são baseadas nos artigos de Fiori, José Luiz. *Dialética da liberdade: duas dimensões da investigação temática*; Torres, Carlos Alberto. *Indicações metodológicas para a alfabetização de adultos, segundo o método psicossocial de Paulo Freire*; Rodriguez, Jorge Gabriel. *Notas para a aplicação de método psicossocial de educação de adultos de Paulo Freire*. Todos os artigos reproduzidos em Torres, Carlos Alberto. *Leitura crítica de Paulo Freire*. op. cit.

Para a primeira etapa de simbolização existencial, depois de várias consultas informais com especialistas e líderes do movimento cooperativista, preparamos as seguintes “situações existenciais estratégicas”.

Primeira situação estratégica: consiste na apresentação de dois *slydes* mostrando o que a cooperativa é no presente e o que foi no passado. Esta situação tem um caráter introdutório para ambas as partes (pesquisador e dirigentes) e objetiva facilitar a catarse, fluência e espontaneidade.

Segunda situação estratégica: realiza um contraste, através de *slides*, mostrando o exterior/interior da cooperativa e de um supermercado. Objetiva-se aí descobrir mais sobre o código oral e sobre a autodefinição dos dirigentes acerca dos problemas que afetam a cooperativa.

Terceira situação estratégica: apresenta *slides* e gravações de testemunhas ideais, manifestando suas idéias e avaliações acerca do futuro das cooperativas de consumo e do cooperativismo em geral. Essa situação objetiva expor ao grupo três perspectivas distintas: uma *favorável* ao cooperativismo; uma *neutra* e outra *desfavorável*.

Quarta situação estratégica: realiza um contraste entre compra racional e compra por fascínio. Procuramos, através de alguns *slides*, caracterizar aquilo que seria uma compra racional e aquilo que seria uma compra induzida por impulso, sedução ou fascínio da mercadoria. Tarefa de grande dificuldade que, no momento, deixamos de comentar.

Quinta situação estratégica: apresenta uma seqüência de *slides* mostrando o passado, presente e futuro (simulação) da cooperativa. O objetivo é explicitar melhor o curso de ação estratégica escolhido.

Para finalizar, pediria desculpas por ter-me alongado um pouco, mas isto foi necessário justamente para mostrar as afinidades epistemológicas que existem entre *A Redução Sociológica* e aquilo que se convencionou chamar de processo de conscientização.

Estou à disposição de qualquer um dos senhores para explicar melhor as dificuldades reais que envolvem a utilização deste método, e como eu o problematizo, já que para cada situação estratégica escolhida existe a necessidade de um conjunto específico de perguntas. Em essência, era só isso que eu deveria ter falado, mas, face a circunstâncias imprevistas fui obrigado a fazer uma recuperação teórica não-programada.

Estou à disposição dos senhores para qualquer dúvida e muito obrigado por me terem ouvido.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Obrigada, Prof. Ramon Garcia.

Há um pedido aqui, que não vou atender tal como foi formulado, do Prof. Florindo Villa-Álvarez, da Universidade Federal da Paraíba, que representa o reitor da universidade. Ele tem uma comunicação relativa a este assunto: Guerreiro Ramos e as interpretações de Ramon Garcia sobre sua compatibilidade com Paulo Freire. Florindo me pede para falar sobre o assunto, mas estou certa de que todos estão de acordo em que esta última reunião não foi feita para debate. É relatório de pesquisas. (O Prof. Florindo Villa-Álvarez insiste, enfaticamente, em usar da palavra.) Então, eu pediria a Florindo Villa-Álvarez que se contentasse em ter uma conversa com Ramon.

(O Prof. Florindo persiste na insistência.)

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Ramon, há algumas observações que Paulo Freire lhe transmitiria, via Florindo. Eu pediria a você que, antes de sair, conversasse com Florindo. Ele está na primeira fila, e gostaria de falar. Mas eu o conheço muito bem, quero muito bem a ele; ele não vai falar apenas cinco minutos. Desculpe-me, Florindo.

Prof. Florindo Villa-Álvarez — Prof.^a Beatriz, se uma coisa Guerreiro me ensinou foi que, em matéria de conhecimento científico, nós temos de ser humildes e devemos estar sempre prontos a contemplar a perspectiva do outro.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Sim. Mas eu preferia transformar isso numa conversa pessoal.

Prof. Florindo Villa-Álvarez — Eu prometi que não usaria nem cinco minutos, usaria dois. Não preciso de muito porque, numa festa do conhecimento como é esta, em homenagem a Guerreiro Ramos, seria uma temeridade que uma pessoa de minha vivência não compreendesse que não deveríamos roubar tempo para fazer controvérsias. A Prof.^a Beatriz está preocupada que houvesse réplica. Eu não vou fazer qualquer contestação; vou apenas aclarar. Houve aqui um desentendimento.

O Prof. Garcia é nosso colega e pesquisador como eu, e respeito todo trabalho de pesquisa, bem como o nível conceitual de sua elaboração mental, mas como a achei estranha fiz uma consulta a Paulo Freire sobre essa elaboração conceitual. Telefonei a ele, tirei-o do seminário que realizava em Campinas, na Unicamp; conversei com Paulo, que é meu amigo há muito tempo, e apenas lerei seu depoimento, ditado por ele, a mim, ao telefone. “Não autorizo, não autorizei e não concordo com o que Vanilda Paiva escreveu”, diz ele. A aclaração de Paulo Freire é a seguinte:

“Não conheço o Prof. Garcia. Gostaria de conhecê-lo e se ele quiser me conhecer, estou às ordens. Eu julgo tratar-se de um pesquisador sério, que está procurando pesquisar algo importante.”

Paulo Freire acrescentou; “Historicamente, vivi o tempo do Iseb. Todo mundo sabe disso. Fiz algumas conferências lá. Fui amigo de Guerreiro no exílio; eu só o conheci no exílio. Conversamos muito. Li trabalhos de Guerreiro, como li os de Vieira Pinto. Sou mais amigo de Vieira Pinto do que fui de Guerreiro Ramos, mas prezo e recordo com carinho a amizade a Guerreiro Ramos e peço que leve a minha mensagem para esta homenagem a Guerreiro, à qual estarei presente, espiritualmente. Mas daí a dizer que fui um isebiano, em primeiro lugar é uma redução mal-aplicada.” Essa não foi a afirmação de Garcia, mas a de Vanilda. Prosseguiu Paulo Freire, afirmando algo importante: “Explique que não vejo qualquer relação essencial, nem mesmo de ponto de vista epistemológico, entre o conceito de redução e o conceito de conscientização.”

E concluiu Paulo Freire: “É preciso que o professor acompanhe o meu processo de trabalho. As nossas similitudes são menos importantes do que as nossas diferenças e as nossas diferenças são importantes porque vão desaguar

em mares diferentes. Somos rios diferentes que vão desaguar em mares diferentes. O produto de nosso trabalho, e onde vamos desaguar, é o que importa.”

Esta é a aclaração de Paulo Freire. Muito obrigado.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Muito obrigada, Florindo. Creio que você compreenderá a minha hesitação.

Prof. Florindo Villa-Álvarez — Eu cumpri o tempo.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Não, usou quatro minutos. Um milagre!

Eu pediria aos demais expositores que se limitassem a 10, no máximo 15 minutos, porque de outro modo não chegaremos ao fim de nossa sessão, na parte da manhã. Sei que muitos dos senhores terão que se retirar, e eu não gostaria de terminar a reunião com o auditório semivazio.

Dou a palavra a Antônio Carlos Kieling, da Fundação Instituto Técnico de Economia e Planejamento do Estado de Santa Catarina.

Prof. Antonio Carlos Kieling — Inicialmente, minha saudação a todos. Seria importante explicar a razão de minha presença aqui: dar a notícia — talvez de uma forma bastante rápida — de um programa acadêmico desenvolvido no estado de Santa Catarina sob a liderança do Prof. Guerreiro Ramos. Falo em nome do grupo que participou desse programa; falo em nome da Universidade Federal de Santa Catarina, que foi o “guarda-chuva” institucional que acolheu esse programa e falo em nome da Fundação Instituto Técnico de Economia e Planejamento do Estado de Santa Catarina, que foi a organização que, à época, sob a direção do Dr. Ubiratan Rezende e hoje sob minha presidência, teve a coragem de “banicar” esse programa e nele investir.

Ontem, inclusive, nós conversávamos entre amigos e eu perguntava como transmitir a este grupo de pessoas, a esta platéia, a nossa sensação e a nossa experiência com esse programa acadêmico. Foi-me sugerido, meio em tom de brincadeira, que eu contasse uma estória, iniciando minha exposição com a expressão: era uma vez... Achei que a idéia era boa e... então... Era uma vez um grupo de despreocupados e inocentes jovens aldeões — já não tão jovens assim — que andavam inconseqüentemente pelas estradas de um bosque verde e amarelo quando, sob a espreita de um ardiloso e brilhante aprendiz de feiticeiro, foram capturados e entregues à guarda de um bruxo. Um bruxo desconhecido, mas que se sabia detentor de uma medicina muito forte.

Após um ano e vários meses expostos às alquimias intelectuais desse bruxo e submetidos a um esforço físico brutal e desumano, o grupo foi libertado, agora um pouco reduzido, porque nem todos tiveram condições de suportar aquela carga.

Uma coisa, no entanto, ficou certa: não eram mais as mesmas pessoas. Algumas alquimias lhes foram ensinadas, incipientes ainda, mas seguramente elas são muito fortes. Outras lhes foram somente mostradas. Muitas chaves lhes foram dadas e a *inconseqüência* deu lugar a uma agenda de trabalhos.

Se nós transpusessemos essa pequena estória para nossa situação, estória essa talvez mais digna de Walt Disney do que de Guerreiro Ramos, poderíamos estabelecer as seguintes correlações: os aldeões, seríamos nós, humildes integrantes desse grupo; o aprendiz de feiticeiro, o nosso amigo Ubiratan Rezende; o bruxo seria Guerreiro Ramos e as alquimias o programa que foi 'á desenvolvido.

Uma conclusão de tudo isso, o resultado dessa estória, se não nos fez a nós, integrantes desse grupo, melhores cidadãos, seguramente nos fez melhores indivíduos, melhores pessoas.

Essa foi a forma que encontrei de transmitir a vocês a sensação pessoal do grupo quanto ao resultado dessa experiência. Acho que nosso tempo é reduzido e vou tentar resumir meu relato.

Devo passar a informar a respeito do programa que foi desenvolvido e que tem como essência — seu cerne principal — o paradigma paraeconômico definido pela teoria da delimitação dos sistemas sociais, cujos axiomas básicos — pedindo perdão, quase que de joelhos, pelo exagero da simplificação com que vão ser apresentados aqui — foram reunidos por mim, para essa apresentação, em quatro grupos. Reitero, mais uma vez, meu pedido de perdão pelo exagero da simplificação, e pela apresentação esquemática das características do programa mediante a utilização de transparências que vou projetar.

Delimitação de sistemas sociais
(Projeto Acadêmico de Pesquisa)
Axiomas básicos do paradigma paraeconômico

1. Sociedade é constituída de múltiplos sistemas, onde o homem se engaja na perseguição de distintos objetivos, porém interativos e de natureza substantiva;

— capacidade de governo social — hábil o suficiente para formulação de políticas alocativas e de decisões adequadas à transação ótima entre os diferentes sistemas;

— padrões auto-regularizantes do sistema de mercado não são considerados como normativos para o processo alocativo de recursos e/ou desenho social como um todo.

2. Condição fundamental para ordem social adequada é a regulação política da economia;

— não considera válido o pressuposto de que a economia deva ser um sistema auto-regulado.

3. Entende a produção como um fenômeno social, levado a cabo pelo mercado e outros sistemas sociais e, portanto, não deve organizar-se à luz de critérios estritamente economicistas;

— produção tem valor de uso bem como de troca;

— objetiva prover as condições (materiais, sociais, civis, culturais) necessárias para o funcionamento adequado da vida humana associada.

4. Postula duas formas básicas de implementar decisões e políticas sociais alocativas:

— transferências bilaterais — “trocas”;

— transferências unilaterais — *grants*.

Objetivos básicos do programa

1. Constituir-se em um centro internacional de pesquisa aberto a brasileiros e estrangeiros.
2. Organizar os esforços de pesquisa no desenvolvimento das implicações teóricas operacionais e programáticas do paradigma paraeconômico.
3. Articular as questões e problemas básicos do Brasil e países do Terceiro Mundo, à luz da teoria da delimitação de sistemas sociais.
4. Caracterizar as questões emergentes que delinham a ordem contemporânea internacional e articular as diferentes abordagens com que têm sido tratadas.

Fundamentos

1. O sucesso do programa acadêmico de pesquisa depende do grau em que alunos e professores possam expandir seu arcabouço conceitual, além das restrições do modelo de ciências sociais dominante, embasado no mercado.
2. O programa de mestrado em delimitação de sistemas sociais deve ser estruturado de forma a se constituir numa alternativa distinta de programas tradicionais em administração pública.

Descrição dos seminários

I — Teoria de delimitação dos sistemas sociais

- abordagens formais e substantivas da vida humana associada;
- apresentação da teoria da delimitação de sistemas sociais.

II — A administração pública e a organização

- exame delimitativo de estrutura abstrata da administração pública;
- avaliação crítica à luz de critérios delimitativos da psicossociologia da organização.

III — Administração delimitativa do sistema internacional de recursos

- análise dos limites ecológicos de produção;
- estrutura de consumo e produção internacional e seus correlatos termodinâmicos.

IV — A paraeconomia dos sistemas de produção e as implicações delimitativas para uma economia de mercado

- transferências de recursos — trocas e grants;
- setores formal e informal dos sistemas de produção;
- análise crítica de noção de economia.

V — Administração delimitativa da alocação dos recursos nacionais

- avaliação crítica das teorias correntes de modernização e desenvolvimento;
- teoria delimitativa da macroalocação de recursos.

VI — Abordagem delimitativa do processo de formulação, implementação e avaliação de políticas públicas e orçamentos públicos

- avaliação crítica dos processos presentes de formulação de políticas públicas;
- orçamento público como instrumento para a alocação ótima de recursos.

VII — Teoria da tecnologia apropriada

- exame do contexto societário da tecnologia;
- transferências tecnológicas;
- processos decisórios na alocação de capital e de tecnologia.

Dissertação: Uma investigação em torno da natureza e das causas da riqueza de Santa Catarina

Mestrando: Antônio Carlos Guterres Kieling

Dissertação: Orçamento e representatividade

Mestrando: Fernando de Carvalho Rocha

Dissertação: Agricultura brasileira: uma abordagem à luz da racionalidade substantiva

Mestrando: Francisco da Cunha Silva

Dissertação: A ordem jurídica como instrumento de legitimação da sociedade centrada no mercado

Mestrando: Hamilton Langaro Dipp

Dissertação: Diagnóstico da economia catarinense: uma interpretação à luz da teoria da delimitação de sistemas sociais

Mestrando: Ney Antonio Flores Schwartz

Dissertação: O problema da alocação de recursos públicos na agricultura de Santa Catarina: um enfoque delimitativo

Mestrando: Otto Luiz Kiehn

Dissertação: Organização sanitária brasileira, seus problemas e impasses — implicação delimitativa na formação de uma nova política de saúde

Mestrando: Roberto Moriguti

Dissertação: Alguns aspectos do desenvolvimento agroindustrial e a transformação da agricultura familiar

Mestrando: Rubens Altmann

Prof.^a Beatriz Wahrlich: Muito obrigada ao Prof. Kieling. O senhor se ateu aos 15 minutos; meus parabéns! Espero que o exemplo frutifique.

Temos agora o terceiro grupo de notícias vindas da Universidade do Sul da Califórnia. Falarão a Prof.^a Eliana Guerreiro Ramos do Nascimento, o Prof. Henry Reining Jr. e o Prof. David Mars.

Tem a palavra o Prof. Henry Reining Jr., da Universidade do Sul da Califórnia, cuja participação, em inglês, será traduzida para o português. Eu queria acrescentar que o trabalho dos intérpretes é um trabalho voluntário, não é um trabalho profissional. É um trabalho de amor.

Prof. Henry Reining — Agradeço ao governo brasileiro por ter exilado o Prof. Guerreiro Ramos, fato que lhe possibilitou ensinar na Universidade da Califórnia.

Guerreiro Ramos foi um colega muito especial, para não dizer peculiar, na universidade. Não só ele nos ensinou a conhecer os autores latino-americanos e europeus, com os quais não estávamos familiarizados, como nos serviu de modelo acadêmico, de modelo de comportamento acadêmico. Ele não era um colega com o qual se pudesse lidar ou conviver facilmente. Lembro-me de dois incidentes nos quais a sua fixação a padrões rígidos e a sua objetividade em se expressar causaram mal-estar aos seus colegas. Ambos os incidentes envolveram outros membros do corpo docente. Uma nova nomeação, em um dos casos, e, no outro, uma promoção e uma proposta de estabilidade na universidade, como professor. Guerreiro ganhou o primeiro caso, o candidato não

foi indicado para o corpo docente, porque Guerreiro insistiu em que ele não era verdadeiramente um estudioso. Guerreiro perdeu o outro caso. Ao candidato foram concedidos o grau de professor pleno e a estabilidade. Mais uma vez Guerreiro insistiu quanto ao fato de que ele não era verdadeiramente um estudioso, e eu concordei com ele.

Guerreiro nos serviu de modelo em outros aspectos do mundo acadêmico. Ele era um professor muito bem dotado. Por duas vezes ganhou o prêmio de melhor professor da Escola de Administração da Universidade do Sul da Califórnia. Ganhou também o prêmio de US\$ 5 mil como melhor professor de toda a Universidade. Ele não só ensinava seus alunos, mas os tornava também seus discípulos. Vocês viram esse fato demonstrado nesta mesa, nos últimos dois dias.

Tentarei comentar a obra de Guerreiro Ramos. Isso já foi feito, com alguma profundidade, neste seminário. Quero, contudo, chamar a atenção dos senhores para a sua bibliografia de 17 páginas e, naturalmente, o seu livro, merecedor de um prêmio. Essa é uma edição canadense, uma vez que foi publicada pela Toronto University. Quero, contudo, chamar a atenção dos senhores para outro aspecto de sua influência acadêmica: sua associação com seus alunos de doutorado. Disse-me, em várias ocasiões, que essa associação constituía seu maior prazer, como professor, e sua influência, nesse campo, foi realmente notável. Tenho aqui uma relação das dissertações de doutorado escritas na Escola de Administração Pública, desde 1975. Não se preocupem, porque não vou tentar ler todas elas, mas quero pinçar algumas.

O Dr. Guerreiro Ramos não era o presidente das comissões julgadoras, em cada um desses casos, o que torna o fato mais extraordinário, porque a sua influência foi tão extensa e permeadora que os alunos, trabalhando sob a orientação de outros professores, escreviam dissertações dentro do tema de delimitação dos sistemas sociais.

Aqui está a de um libanês, George Najjar, cujo título é: Legado teórico no estudo da administração. Isso nos parece não soar muito como “sistemas sociais delimitados”. Mas um artigo que o Dr. Najjar publicou um ano mais tarde sobre o tema aclara sua intenção, ao usar o título: Delimitação dos sistemas sociais e mecanismos de alocação de recursos.

Deixe-me correr rapidamente a relação: outra dissertação, escrita por um aluno americano, Patrick Hare — A dimensão sócio-física de estratégias selecionadas de desenvolvimento organizacional; esta é escrita por um aluno árabe, do Sudão — A busca de um modelo — uma crítica aos modelos capitalista, comunista, ao conglomerado; a dissertação do Ubiratan Rezende — As falácias da legitimidade — os limites da racionalidade funcional da sociedade contemporânea. É um título tão bonito, que eu gostaria de ler outra vez.

Aqui uma outra, que acho ser da Índia, não tenho certeza, ou do Paquistão — Reconsiderando o desenvolvimento na direção de uma teoria concatenada do bem-estar humano; João Benjamin da Cruz, que ali está — tenho sua permissão? — Um programa de pesquisa acadêmica em administração pública baseado no sistema de delimitação social: uma proposta preliminar. E, notem o toque modesto no subtítulo: Uma proposta preliminar.

Vou ler apenas alguns, mas não posso deixar de mencionar mais um, mesmo correndo o risco de embarçar outro dos presentes: é a dissertação de Belmiro Castor: Tecnologia apropriada na defesa dos sistemas sociais. Sinto-me muito feliz em ler esse título também por outra razão, não só por ter Belmiro pro-

duzido esse trabalho, mas por ser merecedor de tal mérito foi agraciado com o prêmio de melhor dissertação do ano passado. Essa foi a segunda vez, na história da Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia que um aluno estrangeiro ganhou tal prêmio. A Prof.^a Beatriz Wahrlich está fazendo uma correção, acha que foram três e não dois os alunos brasileiros que ganharam esse prêmio concedido pela USC à melhor tese de doutorado apresentada em cada ano.

Estou muito satisfeito em fazer essa correção. Assim que retornar à universidade reverei os registros. (O Prof. Reining reviu os registros e comunicou à Prof.^a Beatriz Wahrlich que ela estava certa. Foram três os brasileiros premiados.)

Esse fluxo de dissertações continua. Por exemplo: Extensão rural do Brasil e delimitação dos sistemas sociais. Autodeterminação e interdependência deliberativa — uma investigação sobre estratégia política em uma comunidade mundial, de Jerry Howard, um aluno norte-americano.

Terminarei aqui. Como os senhores vêem, este rico acervo originário de nossa convivência com Guerreiro Ramos valorizou altamente nossa experiência. Tenho certeza de que os resultados que obtivemos dessa convivência perdurarão por muitos anos.

Enquanto tenho o microfone, desejo agradecer aos organizadores deste simpósio. Tentaremos reproduzir seu desempenho aqui, com um seminário nosso, intitulado A Nova Ciência das Organizações, que terá início no dia 30 de novembro, em Los Angeles, na universidade. Serão todos bem-vindos.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Antes de dar a palavra ao próximo expositor, gostaria de ler para os senhores um bilhete muito oportuno que recebi de Célio França. “Permita-me sugerir que na sua fala de encerramento — mas eu acho que cabe agora — haja menção explícita ao reconhecimento e gratidão profundos de Guerreiro Ramos pelo extraordinário abrigo que lhe foi concedido pela Universidade do Sul da Califórnia e por seus principais professores, tais como: Frank Sherwood, Henry Reining Jr., David Mars, Dean Bob Biller, John Gerletti, Alex McEachern e Wesley E. Bjur. Se ele não tivesse podido contar com esse abrigo, nós provavelmente não teríamos tido, pelo menos com a profundidade que tivemos, o estudo sobre a teoria da delimitação dos sistemas sociais.”

Não é só Guerreiro Ramos, porém, (acrescenta a Prof.^a Beatriz Wahrlich) que é grato à administração da USC; todos nós, brasileiros, o somos.

Com a palavra, agora, Eliana Guerreiro Ramos do Nascimento.

Eliana Guerreiro Ramos do Nascimento — Antes de expor brevemente meu projeto, quero dizer que tem sido gratificante, durante esses três dias, ouvir as discussões suscitadas pelas obras do meu pai. Parabênzo a Fundação Getúlio Vargas e a EBAP pela organização deste simpósio e pela escolha do título: *Simpósio Guerreiro Ramos: Resgatando Uma Obra*, pois, se for verdade que o trabalho de Guerreiro Ramos possui caráter universal, eu creio que nós, brasileiros, somos os herdeiros diretos, e eu não pretendo esquecer que isso é responsabilidade pela herança, ou seja, que não podemos gastá-la de maneira inadequada.

Assim, no meu relatório, na qualidade de estudante de doutorado da Universidade do Sul da Califórnia, estou começando a investigar uma idéia, dentro do trabalho de meu pai, que é conhecida e, ao mesmo tempo, fundamental. Durante as últimas semanas de conversas com meu pai, fiquei sabendo que, quando jovem, ele havia lido o filósofo Nikolai Aleksandrovich Berdyaev, que o influenciou durante toda vida. Sem dúvida, para quem ler Berdyaev, torna-se claro a extensão dessa influência que culminou em *A nova ciência das organizações*. Apresento aqui um simples resumo da agenda de estudos que me propus, nos próximos anos.

O tema principal de Berdyaev é a confusão moderna entre os conceitos da individualidade e personalidade. Ele ressalta o fato de que o ser humano é personalidade por espírito. Nesse sentido, personalidade não é uma relação, mas sim a constante num fluxo, a unidade no pluralismo, enquanto o indivíduo é temporário, espacial, porque é uma parte da sociedade, uma parte do mundo.

Essa distinção é basicamente conceitual e devido à tendência da ciência social moderna em diferenciar valores e fatos, muitos considerarão essa definição de *personalidade* de Berdyaev, um valor impraticável. De fato, outra preocupação de Berdyaev, reside nas bases filosóficas que modernamente são aceitas sem questionamento.

A nova ciência das organizações é a resposta de meu pai à pergunta: quais são as implicações organizacionais e de *design* do princípio de personalidade de Berdyaev ou, como disse um professor meu, americano: *So what?* Quando eu lhe expliquei a estória de Berdyaev, ele falou: *Now, so what?* E daí? O que se faz com isso?

Na sociedade de mercado, o indivíduo é transformado em objeto de estímulo organizado, um fato que destrói essencialmente a possibilidade de articulação da personalidade, porque estímulos organizados não só criam uma segunda realidade, como também fazem esta realidade onipresente.

Em geral as sociedades modernas são ou completamente centradas no mercado ou imitam aquelas que o são. Na sociedade de mercado os indivíduos são definidos em termos de interesses econômicos. Essa condição, como é indicada no livro, leva à identificação da natureza humana com a síndrome behaviorista, à definição da pessoa como mero empregado, um *job holden*, e à identificação da comunicação humana com a comunicação instrumental.

Papai sustenta que o conformismo pode ser superado pelo reconhecimento de que qualquer sociedade possui vários e variados enclaves sociais. Esses enclaves são intrinsecamente diferente uns dos outros e, como tal, nenhum deve predominar sobre o outro. O princípio de personalidade conceitualizado por Berdyaev pode ser alcançado numa sociedade multicêntrica, que apresenta uma variedade de situações sociais como imperativo de uma sadia vida humana associada.

Esta, a meu ver, é a essência da teoria de delimitação dos sistemas sociais. A personalidade, então, é a essência do ser humano, a partir da qual e sobre a qual sua interação com o universo pode ser entendida. Basicamente, personalidade é diferente de individualidade, porque é uma categoria existencial, enquanto individualidade é uma categoria social.

Por causa dessa diferença, o indivíduo é exclusivamente sócio-mórfico, o que, porém, não quer dizer que o conceito da individualidade seja um conceito inútil.

As economias não podem ser programadas de uma forma eficaz sem o conceito da individualidade. Alguns enclaves sociais são, então, por natureza, sócio-mórficos. A meta do livro e dessa teoria é fazer com que os enclaves sócio-mórficos não tenham papel predominante na sociedade humana. Em sua obra Berdyaev alerta para o caminho perigoso que vem sendo tomado pela sociedade moderna. E meu pai, em *A nova ciência das organizações*, nos oferece um ponto de partida para, em suas palavras, as últimas palavras do livro, mais uma vez dar ouvidos ao nosso eu mais íntimo. Esse eu mais íntimo é o que Berdyaev chama de personalidade e que não deve ser confundido com individualidade.

O exemplo da implicação desta problemática é a consideração filosófica: estamos nós certos quando usamos o termo “vida individual”? Essa coisa é possível ou seria mais certo falarmos de vida pessoal? Pois a vida individual, eu acho, haveria, se existisse apenas uma pessoa no planeta Terra. Desde o momento em que existe mais de uma pessoa, as ações de cada um de nós afetam o outros e isto ocorre no nível pessoal, nacional e internacional. Parece-me que o conceito da individualidade, ou, mais especificamente, o da individualidade como um conceito positivo, surgiu no modernismo, como alicerce da economia de mercado.

Enfim, esse é apenas mais um dos trabalhos que estão sendo feitos na Universidade do Sul da Califórnia sobre aspectos diferentes da teoria da delimitação dos sistemas sociais e eu peço perdão por ter lido isto, mas achei que não iria, devido a minha condição emocional, poder lembrar-me de tudo.

Muito obrigada.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Muito obrigada, Eliana. Com que alegria podemos constatar como as leis da hereditariedade funcionam.

Prof. Diogo Lordello de Mello — Eu estava esperando que o assunto viesse à baila, e estou ficando angustiado porque não vai vir à baila, por modéstia do autor, mas é preciso que se registre que, patrocinado pelo Ibam, está na Finep um projeto de pesquisa que é, formalmente, a primeira proposta de operacionalização da teoria da delimitação dos sistemas sociais no Brasil. É um projeto intitulado Desenvolvimento municipal à luz da teoria de delimitação dos sistemas sociais, parece-me finalmente aprovado.

É um projeto belíssimo apresentado pelo Ibam com a colaboração da Fundação Itep, de Santa Catarina, e que pinça algumas experiências brasileiras que podem ser caracterizadas como experiências de aplicação da teoria de delimitação: a nível de governo municipal, categoriza essas experiências, recupera a fundamentação conceitual, articula o instrumental operacional e tenta, depois, aplicar em alguns municípios-piloto, para teste, uma proposta alternativa de governo municipal no Brasil, informada pela teoria da delimitação dos sistemas sociais. Eu acho que, tratando-se efetivamente da primeira tentativa de operacionalização, a nível de instituições políticas, como é o caso de município, da teoria da delimitação social, vale efetivamente esse registro. Obrigado.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Muito obrigada. Nesse caso, a mesa vai tomar a iniciativa de dizer que ainda não-formalmente aprovado, mas a nível de pro-

posta, a EBAP também já tem um projeto e este, talvez, vá até assustar os senhores. Chama-se Avaliação do Programa Grande Carajás à luz da teoria de delimitação dos sistemas sociais, e o proponente está aqui a meu lado. Este atraso de brasileiro, de aplicação das teorias mais recentes de Guerreiro Ramos, tem uma explicação muito simples, nada tem a ver com falta de interesse; o livro foi traduzido há apenas um ano. Os brasileiros não tiveram, exceto aqueles poucos privilegiados que estudaram na Universidade do Sul da Califórnia, devido a circunstâncias fora de nosso controle, a oportunidade de serem alunos, e, mais do que alunos, discípulos de Guerreiro Ramos nos últimos anos. Fomos muitos de nós seus discípulos, há muito mais tempo, e sempre guardamos carinhosamente esta lembrança. Eu digo fomos, mas eu não fui; sou contemporânea dele, não tive esta alegria, esta honra, mas meus meninos da EBAP, vários deles, hoje já doutores, tiveram essa oportunidade. Acredito que este projeto do Ibam e o da EBAP irão frutificar como exemplos de experiências brasileiras de operacionalização da teoria de delimitação dos sistemas sociais.

Vamos passar a palavra agora ao Prof. David Mars.

Devo anunciar que o Prof. David Mars, assim como o Prof. Henry Reining, foram membros da Missão de Assistência Técnica ao Brasil, de 1975 a 1979, que foi composta, predominantemente, por professores da Universidade do Sul da Califórnia e teve a ajuda financeira da Agency for International Development (AID).

Prof. David Mars — Ao contrário do Dean Reining, não tenho autocontrole, por isso não fiz qualquer anotação e falarei de improviso.

Quando estávamos planejando como atuar nesta sessão, chegamos a uma divisão do trabalho segundo a qual o Prof. Reining, como reitor, lidaria com as dimensões dos problemas burocráticos, acadêmicos e escolares e, como membro júnior da equipe, eu lidaria com algumas dimensões pessoais da nossa relação com Guerreiro Ramos. Embora eu tenha lido a lista de dissertações e o impacto de Guerreiro na nossa escola, que foi tanto profundo quanto amigável, ainda permanecem alguns detalhes burocráticos que o Prof. Reining não mencionou e que me cabe agora citar.

Em primeiro lugar, ele mencionou o seminário do dia 30 de novembro. Uma das coisas importantes que estamos realizando na Escola de Administração Pública e das quais o seminário é um dos aspectos, diz respeito à instituição de uma bolsa para estudantes de doutorado, com o nome de Guerreiro Ramos. Temos uma comissão mista constituída por docentes e discentes cujo principal objetivo é perpetuar a memória de Guerreiro e uma das peças importantes do trabalho desse grupo é o estabelecimento de uma bolsa de doutorado, denominada Alberto Guerreiro Ramos. Tínhamos esperança de que, estando no Brasil, poderíamos obter dos senhores alguma assistência no sentido de nos ajudar a instituir esta bolsa. Entretanto, segundo percebemos, parece que a legislação e os regulamentos brasileiros correntes não nos permitem fazer isto no momento. Todos nós, porém, temos conhecimento da criatividade brasileira e do "jeitinho". Desejo, assim, encorajar qualquer um de vocês que escutam estas palavras, a abordar a mim ou ao Dr. Reining antes que partamos amanhã, com algumas sugestões criativas de como vocês poderão ajudar-nos.

Nosso convite, mais ou menos democrático, mas creio que importante, deriva do fato de que todos os professores americanos que já trabalharam e viveram no Brasil sempre ficaram terrivelmente frustrados com o fato de que, em determinado momento, no passado, nossos esforços cooperativos, que a Prof.^a Beatriz mencionou, terminaram repentinamente e pouca atenção foi dedicada a mecanismos de cooperação continuada. Decorridos 17 anos desde o término daquele projeto, sentimos essa frustração e continuamente buscamos mecanismos para retomar aquele fluxo de cooperação. Tanto o Dr. Reining como eu mesmo nos sentimos muito reconfortados, porém, com alguns fatos que vêm acontecendo nesses últimos dias.

Iniciamos discussões com alguns brasileiros mais diretamente através do Dr. Franklin, que esteve aqui na segunda-feira e que, por sinal, é gestor de um fundo. O Dr. Franklin saiu tão satisfeito com a reação do primeiro dia de seminário que se ofereceu para cobrir os custos da ida de duas pessoas da EBAP aos EUA. Desse modo, Ana Maria Campos participará do seminário do dia 30 de novembro.

A terceira notícia, também no sentido da cooperação inter-institucional, é que fizemos um convite ao Ubiratan Rezende, no sentido de passar um ano como professor visitante de nossa Escola de Administração Pública, e devo dizer que isso tem muita relação com Guerreiro Ramos. Como poderão imaginar, muitos dos nossos estudantes brasileiros em Los Angeles sentem-se desorientados desde a morte de nosso colega e por sugestão deles procuramos buscar algum tipo de substituto para o talento de Guerreiro. Por sugestão deles, estamos tentando obter a colaboração de um desses discípulos citados pelo Dr. Reining. Depois da apresentação magistral de ontem, parece-me claro que o Ubiratan seria a escolha lógica para esse tipo de sucessão.

Agora, um assunto pessoal: em 1959 tive uma troca de correspondência com o Dr. Reining visando a possibilidade de me tornar afiliado ao projeto brasileiro.

Em 1960 encontrei com o Dr. Reining e em 1961 ele me contratou como membro do corpo docente. Em 1963 cheguei ao Brasil. Um ano e pouco mais tarde, na inauguração da Escola Interamericana de Administração Pública, o Dr. Reining apresentou-me a Guerreiro Ramos. Mais ou menos 17 anos depois, por um estranho conjunto de coincidências, encontrei-me na posição de presidente do Comitê de Dissertação de Belmiro Castor, o ganhador do prêmio que citamos anteriormente. Mesmo sendo eu presidente do Comitê, ficou claro que o mentor intelectual de Belmiro foi Guerreiro Ramos.

Mais duas coincidências, uma muito agradável e outra muito comovente, vêm das seguintes circunstâncias: uma das coisas que o Dr. Reining, em sua modéstia, não mencionou, foi que o prêmio de dissertação que Belmiro ganhou nesse ano — não sei se o segundo ou terceiro brasileiro — é denominado Prêmio Henry Reining. A coincidência de eu presidir o comitê da dissertação que foi agraciada com um prêmio que tem o nome do homem que me contratou e é baseada, nitidamente, no homem que me foi por ele apresentado 17 anos antes, é o que podemos chamar de confusão de mente. Mas, a coincidência triste foi que no mesmo dia em que Belmiro estava fazendo a defesa de sua dissertação, o que ocorreu num domingo — hão de perguntar: por que num domingo? Porque é o único dia em que podemos reunir os professores — naquele mesmo domingo, estavam muito próximos os últimos dias do Prof. Guerreiro Ramos e sei que todos os membros do comitê, especialmente Bel-

miro e eu próprio, sentimos profundamente a ausência de Guerreiro por uma razão dupla: naturalmente, em primeiro lugar, porque sentimos falta de seu estímulo intelectual e, em segundo lugar, pela razão de sua própria ausência.

Gostaria de contar uma estória, que tem tanto um caráter pessoal como burocrático e mais uma vez envolve a maioria dos mesmos personagens. No ano seguinte ao meu retorno do Brasil, o reitor teve uma idéia brilhante — os reitores, ocasionalmente, têm idéias brilhantes. A idéia era de que desde que já tínhamos colhido tanta experiência no além-mar, e desde que fizéramos tantos contatos com estudiosos da administração pública no mundo todo, deveríamos, a partir de então, programar um ciclo de visitas anuais de estudiosos de administração pública, alguns de nossos graduados, em nossos próprios programas, alguns estudiosos com os quais tivéssemos tido contato no estrangeiro. Dr. Reining pediu-me, e a outro professor, que passara algum tempo tanto no Brasil como no Irã, que compilássemos uma lista de nomes de pessoas com as quais tivéssemos tido contato nos últimos 10 anos, em ordem de preferência. Tentariamos convidar a primeira pessoa da lista por um ano. Então, presumivelmente, aquela pessoa voltaria para seu país de origem e iríamos para o segundo nome da lista, e assim sucessivamente. Da lista de dez nomes que submetemos ao Reitor, o primeiro era o de Guerreiro Ramos. Convidamos Guerreiro Ramos por um ano; esse ano transformou-se em dois e os dois anos se transformaram em 16 — quisera que esse período fora mais longo — e a lista se dissolveu. Entre as outras nove pessoas, a propósito há outro brasileiro. As outras nove pessoas nunca apareceram em Los Angeles. E o apelo a vocês hoje é que, se um dia retomarmos essa lista e por acaso dela constar novamente um brasileiro, queiram enviar-nos alguém menos brilhante do que Guerreiro Ramos, porque, caso contrário, pensem como estaríamos sendo injustos para com todas as outras pessoas da lista...

Gostaria de encerrar com uma lembrança pessoal. Isso me reporta a um período anterior a 1959. Em 1951, quando eu estava procurando um tema para minha própria dissertação de doutorado, numa época em que tudo o que eu sabia sobre o Brasil era que era um país de dimensões extensas, tinha pedras preciosas e era fanático pelo futebol, escolhi, por mera coincidência, escrever minha dissertação sobre a filosofia de vida de um renomado juiz norte-americano, chamado Benjamin Cardoso — e se acreditam em misticismo, em percepção extra-sensorial, poderão ver, de fato, que escolhi um homem com sobrenome obviamente ibérico. O ponto de discussão de hoje é, porém, traçar um paralelo com Guerreiro Ramos. O Juiz Cardoso serviu por mais de 20 anos na Corte mais alta, no estado de Nova Iorque, chamada Corte de Apelação. Esse tribunal é considerado por estudiosos de assuntos jurídicos a Corte mais prestigiada, depois da Corte Suprema. Em 1932, quando abriu uma vaga no Supremo Tribunal americano, o Presidente Roosevelt fez uma das poucas coisas boas na sua gestão e nomeou o Juiz Cardoso Ministro da Corte Suprema. Infelizmente sua gestão lá foi curta, porque ele morreu seis anos depois e quando a notícia de sua morte chegou a sua antiga Corte, à Corte de Apelação de Nova Iorque, nesta realizou-se uma sessão especial, *in memoriam*. Nessa ocasião, o juiz Supremo leu um documento sobre a atuação do Juiz Cardoso, do qual lerei as três ou quatro últimas linhas: “Falo do trabalho do Juiz Cardoso, como se isso fora a principal coisa que nos tivesse impressionado. Não é verdade. O próprio homem foi maior do que qualquer coisa que tenha produzido. Suas metas e ideais

foram uma inspiração para todos que o conheceram. A carne pode perecer, mas essa influência pessoal, que eleva e anima, tem si o germe da imortalidade.”

Transcrevi essas palavras em minha dissertação, há 30 anos e o pensamento que deixo para vocês hoje é que isso poderia ser perfeitamente escrito também sobre Guerreiro Ramos. E se acreditam em vida após a morte e coisas desse tipo, poderão imaginar conversas interessantes entre Alberto Guerreiro Ramos e o Juiz Benjamin Cardoso. Muito obrigado.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — A seguir, a Dr.^a Nerine Leinemann.

Prof.^a Nerine Mirian Leinemann — Inicialmente, eu gostaria de me apresentar, porque acho que a maioria não me conhece. Desde 1979, quando ingressei na Finep, passei a ser responsável pela análise e acompanhamento de projetos na área de administração. E, quando lá cheguei, encontrei o seguinte quadro, que gostaria de descrever rapidamente para vocês. A Finep começou a dar apoio à área de administração em 1976. Naquela ocasião começaram, então, a ser apoiadas as seguintes instituições: Coppead, EAESP, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Posteriormente, em 1978, esse apoio foi ampliado também para a USP.

No momento, nós temos 40 pesquisas que compõem as atividades apoiadas pela Finep nessas instituições e eu gostaria de colocar para vocês o seguinte: quando cheguei à Finep não conhecia a área. Estava vindo de outra área, completamente diferente, inclusive com origem aqui na Fundação e na área de economia, na qual eu trabalhava. Ingressei na área de administração sem conhecê-la e recebi a incumbência de desativá-la, ou seja, eu ia desativar uma coisa que não conhecia. Isso, para mim, foi realmente um desafio muito interessante que resultou, acredito eu, numa aprendizagem muito grande. Agora, já distante, posso perceber isso.

Quando recebi essa incumbência, a primeira coisa que fiz foi tentar aprender aquilo que não sabia e saí pelo Brasil, procurando conhecer o que a Finep estava apoiando. Eu estava saindo de áreas cujo enfoque é predominantemente quantitativo. Minha formação original é em estatística; e posteriormente passei para economia, onde o enfoque dado ao curso era muito quantitativo. Assim, tive uma surpresa muito gratificante ao perceber que a área de administração incorporava o homem de uma forma bem mais clara do que as anteriores e isso, para mim, foi muito importante, porque fazia parte da minha filosofia de vida.

Bem, aí surgiu um impasse: como eu deveria agir para dizer que essa área não deveria ser desativada? E teve início uma luta muito grande. Não foi uma coisa simples, mas acredito que conseguimos dar alguma coisa, algum espaço, dentro da Finep, em função desse posicionamento, não só meu mas de representantes muito importantes da área. Esse esforço resultou na montagem de um programa integrado, com a participação da Capes, CNPq e Finep, na qual eu gostaria de registrar a atuação determinante do Prof. Ubiratan, que eu tive a satisfação de conhecer, durante essas atividades na Finep. Acredito que esse programa, já aprovado a nível de CNPq, faltando apenas a aprovação a nível de Finep, é uma forma clara e objetiva de consolidar esse apoio de maneira mais contínua.

O que eu gostaria de transmitir ainda a vocês é um pouquinho dessa minha experiência, em relação à área de administração. Evidentemente, a maior parte desses projetos de pesquisas é da área de administração de empresas. Apenas a EAESP e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentam projetos com enfoque voltado para o setor público. Alguns, não são todos, mas algumas pesquisas. O que percebi durante esse período, em termos das principais características da área de administração, e poderia expor para vocês, seria o seguinte: a área de administração é realmente jovem e talvez isso seja determinante para as demais características. Percebemos que a programação de pesquisas, pelo menos nessas instituições e ao longo desse período, apresenta uma fragilidade metodológica, apresenta muito pouca inovação temática, apresenta uma dificuldade muito grande de reter pesquisadores, de forma contínua e realmente dedicados à pesquisa. Quero fazer uma ressalva: evidentemente, essas características também poderiam ser extrapoladas para outras áreas do conhecimento.

É também uma área nitidamente multidisciplinar e por isso tem, inclusive, conseguido ganhar inimigos; há um conflito, nós percebemos, entre as outras áreas e a administração.

De repente, por acaso, conheci o Prof. Guerreiro Ramos e percebi uma alternativa teórica nessa área. Isso me deu uma satisfação muito grande e esse encontro aqui vem fortalecer as nossas possibilidades. Acho que há um caminho a ser explorado por aqueles que ficaram com esse legado do Prof. Guerreiro Ramos: tentar buscar essa alternativa teórica para a área de administração.

Para terminar, o importante, a meu ver, em termos inclusive do papel das agências financiadoras, é tentar propiciar os recursos necessários para que sejam geradas vias de investigação, de uma forma contínua e permanente, que dêem prosseguimento e continuidade à obra do professor.

Era só isso que eu gostaria de ter falado.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Tem a palavra, para a devida comunicação, o Prof. João Benjamin da Cruz Júnior.

Prof. João Benjamin da Cruz Júnior — Vou relacionar, só para qualificar mais ainda as coisas que estão em andamento em termos de teoria da delimitação, alguns projetos que estão sendo desenvolvidos sob o patrocínio da Fundação do Instituto de Economia e Planejamento de Santa Catarina. Apenas o título desses projetos:

A indústria artesanal — uma experiência em delimitação dos sistemas sociais e legislação rural em Santa Catarina — Uma proposição alternativa; Análise e proposição de políticas alternativas de Reforma Tributária para os estados do extremo Sul; Pesquisa para identificação de propriedades agrícolas típicas e estudo de seu funcionamento econômico; Planejamento global integrado.

Esses são projetos que efetivamente estão sendo implantados, atualmente, além de outros de cujos títulos não disponho aqui, mas que estão em funcionamento e gerando produtos na linha de delimitação.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — Dou a palavra, por razões óbvias, ao Prof. Ubiratan Rezende.

Prof. Ubiratan Rezende — Eu quero ser muito breve. Não acho tão lógico assim, como disse David Mars, o convite que me foi feito pela Universidade do Sul da Califórnia. Há outros colegas e companheiros de trabalho, nos últimos seis anos e meio, muito mais qualificados que eu.

Isso foi uma gentileza dele e como tal eu recebo o convite. No período final de sua moléstia eu conversava quase que diariamente, pelo telefone, com o Prof. Guerreiro Ramos. Certo dia perguntou-me se seria possível a minha ida a Los Angeles, pois ele gostaria de conversar comigo. Eu estava convicto de que ele tinha consciência da terminalidade de sua doença, e, com esta convicção, para lá me dirigi. Pois bem, lá chegando, ele me passou, durante três dias, sob um esforço muito doloroso, o arcabouço de uma obra sobre a qual ele gostaria de ter trabalhado durante algum tempo. E no interregno das discussões e do processo de sistematização das idéias que ele já havia alinhavado, disse-me uma coisa que preciso registrar. Primeiro ele perguntou: “Será inevitável o memorialismo? Eu não gostaria de ser memorializado.” E me contou que, em conversa com Célio França e com Belmiro, ele dizia: “Mas será que de tudo isso ficará alguma coisa?” E o Célio respondia a ele: “Vai ficar, sim, você vai ficar com um nome de praça, de jardim de infância.” O Célio, em tom jocoso, brincava com ele. E ele dizia: “Mas eu não quero memorialismo; se você puder, evite o memorialismo.” Mas isso era inevitável. Ele sabia que era inevitável.

Há duas coisas que eu preciso sublinhar: entre as pessoas que ele me disse expressamente que não tinha tido tempo — e sentia isso com uma profunda dor na alma — de retribuir o afeto e a integridade, a verticalidade de comportamento para com ele, três estão aqui presentes e eu gostaria de citar nominalmente: a Prof.^a Beatriz Wahrlich, Dr. Simões Lopes e Dr. Diogo Lordello de Mello.

Por outro lado, ele tinha uma dívida de gratidão, especialmente reconhecida naquela oportunidade. Lembro-me que era uma tarde chuvosa e a Clélia nos deixara sozinhos na sala. Essas coisas foram então conversadas por nós. Ele se referiu, também, à Universidade Federal de Santa Catarina, representada por seus dois reitores, que há quatro anos se dispuseram junto com o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, Prof. Antônio Nicola Agrilla, aqui presente, a dar abrigo institucional àquilo que era um desafio enorme, pelos problemas políticos que cercavam o retorno dele ao Brasil e pela ousadia intelectual e acadêmica da proposta que eles tinham. Tanto ele como eu seremos eternamente reconhecidos. Serei eternamente reconhecido por este tipo de abrigo que lá nos foi dado. Alguns amigos que lá nos cercaram possibilitaram os trabalhos e, por isso, também precisam ser citados. Ele se referia, com muito carinho, a um professor da universidade, o qual, ele dizia, deveria ter uma função primordial no processo de sistematização do programa que lá estava sendo consolidado. Era o Prof. Nader, também aqui presente.

Outra pessoa que nos cercou de uma assistência, de uma solidariedade constante e que viabilizou todo esse esforço aqui descrito, de uma forma profundamente efetiva, sem cuja presença não seria possível a nós levar adiante coisas, foi a Prof.^a Raquel Lorenzetti, também aqui presente.

A todas essas pessoas e instituições que foram expressamente lembradas — e eu tenho certeza de que, apesar dele não querer memorialismo, ele está presente, soprando-me o nome delas neste momento, meu muito obrigado.

Prof.^a Beatriz Wahrlich — É uma missão difícil encerrar um simpósio de tão alto nível e também com tão grande carga emotiva.

Para fazê-lo, vou ler para os senhores trechos de duas cartas que recebi de Guerreiro Ramos, duas das suas muitas cartas. Acho que nessas duas cartas ele se revela tão por inteiro, que nada mais eu poderia dizer.

Da primeira delas vou ler um trecho bastante longo, o que mostra a sua preocupação com a Fundação Getúlio Vargas, com as conseqüências que poderiam advir à Fundação por tê-lo abrigado aqui, apesar de insistentes insinuações governamentais e interpelações, porque a Fundação ainda insistia em ter Guerreiro Ramos aqui. É uma carta de 12 de fevereiro de 1969, época em que a Revolução de 64, para usar a linguagem do Presidente Figueiredo, recrudescia, com a vigência, desde 1968, do Ato Institucional n.º 5, de dezembro de 1968:

“Esta carta é uma fase preliminar de decisão que, penso, as circunstâncias estão impondo a mim e, também, estritamente pessoal.

Nos mesmos termos, pretendo escrever imediatamente ao Dr. Luiz Simões Lopes. Deixe-me, assim, introduzir logo a questão. Não desejaria voltar ao Brasil, enquanto a situação política aí prevalecente constituir ameaça a minha sobrevivência física, pois que esta seria até secundária. Refiro-me a minha sobrevivência como pleno ser humano, que projetou e projeta um desempenho no interesse público, seja como intelectual, seja como político ou administrador. Nas condições prevalecentes no Brasil, esse desempenho está vedado a mim. Político não posso ser, por força de cassação. Administrador, tampouco, pela mesma razão, na medida em que isso implica ter uma posição, mesmo no setor privado, que demande relações com o governo. Como intelectual, talvez pudesse sobreviver, se minha especialidade fosse folclore ou alguma coisa assim, da ordem da filatelia. Todavia, minha especialidade são assuntos políticos.

“Nessas circunstâncias, o que resta para mim no Brasil? Viver em cárcere privado? Mais ou menos arquivado em vida, como um espécime de figura não tanto legendária, mas certamente curiosa e decorativa? Este é o modo como sinto, não sei, certa revolta.

“De certo modo, penso que tenho sido um pesado fardo para a Fundação, desde minha cassação. Manter minhas atividades nessa organização demandou coragem e até heroísmo da direção da Fundação. E nos recentes termos da ‘revolução’ dentro da revolução imagino que, para permanecer agora na Fundação Getúlio Vargas, vou expor os meus amigos a novos riscos e até a instituição à censura oficial.

“Pergunto: isso é maneira de viver? Principalmente considerando que o primeiro presidente da revolução, Marechal Castelo Branco, declarou que foi um erro minha exclusão do rol dos livros políticos? Resisto a ser um personagem kafkaniano, isto é, a submeter meu destino a código de um erro burocrático ou institucional.

“Graças a Deus e à ajuda de pessoas como você, tenho alternativas de vida. Só reconheço existência de um limite para minha decisão de retardar minha volta ao Brasil: meus vínculos éticos com a direção da Fundação.

“Peço-lhe pois, Beatriz, e no mesmo sentido vou-me dirigir ao Dr. Simões, que me aconselhe sobre como posso tomar a minha decisão, sem ferir ou chocar as expectativas éticas dos meus colegas da Fundação.”

A carta prosseguia com uma enumeração de quatro possíveis alternativas de prosseguimento de sua relação de trabalho com a Fundação, nenhuma das quais, por circunstâncias várias, chegou a concretizar-se.

Vou ler agora um trecho da outra carta, porque é preciso falar sobre uma pessoa que ainda não foi mencionada — pelo menos eu não ouvi — e que é uma pessoa extremamente importante. . . era e continua sendo.

Carta de 17 de junho de 1969: “Tenho lido os jornais, e sinto a situação aí ainda muito tensa para todo mundo. Nem quero falar nisso. Daqui posso imaginar os problemas que você enfrenta na EBAP. Não acredito que nossa instituição possa ficar imune à entropia reinante *in the environment*. Vou lutando aqui contra o desencantamento; defendo-me para não perder a alegria de viver. Às vezes, entro ‘em frias’. Não sei avaliar o grau de intimidade que vocês me concedem, mas bem que sinto que a Beatriz e o Hugo (meu marido) ouviram de bom grado o amigo aqui, quando de suas crises anteriores. Tenho vivido aqui enormes crises. *A Clélia é de longe muito superior a mim e nem sei como agüenta. Se não fosse ela, estaria acabado*”.

Este trecho eu li por causa da indispensável menção a Clélia Ramos. Clélia Ramos é uma criatura extraordinária e, sem ela, talvez não tivesse acontecido o Guerreiro Ramos que aconteceu.

Ela dedicou sua vida a amá-lo. Foi, nas suas próprias palavras, “um satélite desse poderoso sol que adorava”. Como ele disse pessoalmente, no passado mês de setembro, se agora se sente fora de órbita, ainda sem rumo próprio, é porque fez, há 30 anos, sua opção por Guerreiro Ramos e disso não se arrepende.

Sei que Clélia brevemente conseguirá ter, da vida subjetiva de seu marido, algo tão belo e construtivo quanto de sua passada vida objetiva. E é da vida subjetiva de Guerreiro Ramos que poderemos todos compartilhar, como já começamos neste simpósio.

Senhoras e senhores. Em nome da Escola Brasileira de Administração Pública, agradeço a todos o brilho, a competência e a emoção que trouxeram a estas reuniões. Aos nossos amigos da Califórnia, especialmente para homenagear Guerreiro Ramos, nossos agradecimentos especiais.

Muito obrigada. Está encerrada a reunião.

O BELTRÃO MANDOU.

Mandou desburocratizar o país. Mandou economizar o papelório. Leia e desburocratize, você também, as comunicações na sua empresa.

